

BRODERAGEM E O ARANHA

Quando o Clube dos Bagres começou a despontar no basquete paulista, nos longínquos anos 60, eu quase não perdia os jogos. Na mesma época, um atleta chamado Zuluaga de tempos em tempos chegava à cidade e pedalava sua bicicleta na avenida Major Nicácio dias e noites sem parar, era uma espécie de desafiante do cansaço, um daqueles tipos que ganhava a vida viajando de cidade em cidade para ganhar uns trocos com sua habilidade e resistência, pedalava por cem horas sem parar, deixava os ciclistas locais no chinelo. Célimo Montez Zuluaga era um típico personagem dos Andes (nunca confirmei sua nacionalidade, se boliviano ou colombiano), com seu rosto de feições incas esculpido pelas montanhas e endurecido pela vida ao ar livre, desapareceu quando a cidade cresceu e não havia mais espaço para poesia sobre duas rodas.

Pouco depois, vinha a Franca jogar de vez em quando o Josildo, um jogador de basquete do São José dos Campos e depois do Trianon de Jacareí, quando estava no final da carreira. Do alto da arquibancada, não sei por que, me lembrava do Zuluaga, a mesma cara de descendente dos incas, só que muito, muito mais alto.

Irmãos jogando basquete é tradição em Franca. Os mais famosos são os “Irmãos Metralha”, o trio de ouro do Clube dos Bagres: Hélio Rubens, Totô e Fransérgio, os irmãos Garcia, substituídos por Helinho, hoje técnico do time. Embora não fossem altos para os padrões do basquete, eram velozes e habilidosos no arremesso de longa distância, fizeram a diferença num tempo em que o time local não tinha grandes pivôs. Antes, tivemos William e Wellington Jorge, os Catiê, Anginho e Fausto Gianechini (grande armador dos anos 70 e 80), substituídos pelos filhos depois. Os irmãos Zé Luiz e Milton Olaio vieram de São Carlos para brilhar aqui, Milton chegou à seleção brasileira jogando no Bagres. Lembro que Milton Olaio voltou para São Carlos casado com a mineira Leisa Ribeiro de Carvalho que estudava em Franca - eleita miss Franca em 1967. Após falecer, Milton Olaio Filho virou nome do grande ginásio de esportes da cidade inaugurado durante o governo petista de Newton Lima.

No time dos anos 70, ainda havia os irmãos Carrarão e Carrarinho, nas décadas seguintes Anderson e Sandro Varejão. Mas voltemos ao Josildo. Não tinha nada de inca, era baiano de Rio Real, passou a infância no Rio de Janeiro e começou a jogar basquete lá, transferindo-se para São José dos Campos em 1968. Seu jeito engraçado de andar ficava mais supimpa ainda quando apanhava o rebote e caía no chão com as duas pernas abertas e girando as mãos com a bola, parecia uma aranha com seus quatro pares de pernas sob as vaias da nossa torcida.

Tornou-se professor de educação física quando parou de jogar após uma vitoriosa carreira, tendo chegado à seleção. Ao lado de Peninha, Emilio, Edvar e Pedro Yves, Josildo ajudou o Tênis Clube de São José dos Campos a derrotar o Clube dos Bagres de Franca na final do Campeonato do Interior em 1969, mais um motivo para as vaias quando vinha jogar aqui. Faleceu em 2006.

Mauro Ferreira é arquiteto